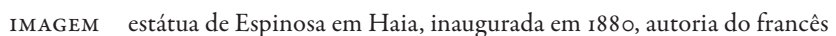


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 49 jul-dez 2023 ISSN 1413-6651

IMAGEM  estátua de Espinosa em Haia, inaugurada em 1880, autoria do francês Frédéric Hexamer (1847-1924). A estátua está localizada ao lado da casa em que o filósofo residiu durante os últimos sete anos da sua vida, onde completou o texto da *Ética* e recebeu a visita de Leibniz.

CARTA DE DESCARTES A COLVIUS DE
NOVEMBRO DE 1640: ACERCA DA HERANÇA
AGOSTINIANA DA PROPOSIÇÃO *COGITO, ERGO SUM*

Rafael Teruel Coelho
Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
teruel@usp.br

INTRODUÇÃO

Descartes é vulgarmente conhecido como aquele filósofo que desprezou a tradição livresca, que abdicou plenamente do cânone científico e filosófico na ocasião da construção de seu pensamento, de modo que a originalidade que perpassa as suas afirmações seria algo inquestionável. Esta é uma tese que, embora completamente equivocada, possui considerável respaldo nos escritos de Descartes, sobretudo nos que concernem à metafísica. Nas linhas inaugurais da *Primeira Meditação*, lê-se: “[...] era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências” (DESCARTES, 1973, p. 93; AT VII 17). Portanto, a instauração de um edifício epistêmico sólido e verdadeiro, prenhe de proposições claras e distintas, pressuporia a demolição de todos os fundamentos que sustentavam a ciência e o pensamento filosófico anteriores à sua empresa, especialmente no que diz respeito ao espírito e à essência emanados da tradição escolástica. Todavia, alguns dos comentadores canônicos de Descartes, como é o caso de Étienne Gilson (1967), procuraram trazer à luz o papel e a relevância do pensamento medieval na formação do sistema de Descartes. Gilson foi o comentador capaz de mostrar o quanto nosso filósofo é devedor da herança antiga e medieval em muitos aspectos de sua filosofia.

Nesta brevíssima introdução à tradução da carta de Descartes a Colvius de novembro de 1640, não é nosso objetivo analisar a influência da tradição filosófica na formulação do sistema cartesiano, tampouco investigar as possíveis relações entre o pensamento de Descartes e o legado agostiniano. Para isso, dispomos do belíssimo trabalho de Rodis-Lewis (1990), cuja originalidade e sofisticação podem guiar aqueles que se interessam por tais análises. Diversamente, pretendemos mostrar apenas que as supostas influências escolásticas nas formulações cartesianas constituíram, já no século de Descartes, matéria de intenso debate entre o filósofo e seus contemporâneos.

Nas linhas que se seguem, Descartes pretende convencer seu interlocutor acerca da originalidade peculiar à sua proposição *cogito, ergo sum* face ao pensamento do bispo de Hipona, embora não deixe de reconhecer laivos de genuína semelhança literal. Contudo, a despeito de tal similitude, trata-se de uma formulação que, em sua gênese, não guarda relações com o pensamento de Agostinho, pois, segundo Descartes, o propósito que os levou à formulação do *penso, logo existo* não é o mesmo. Para o filósofo da modernidade, a proposição *cogito, ergo sum* serviu-lhe para demonstrar que a alma é uma substância imaterial, plenamente heterogênea à extensão; ao passo que, para Agostinho, tal formulação servira a um intento essencialmente teológico, como aquele de demonstrar que existe em nós uma ideia da Santíssima Trindade, razão de ser de nossa existência.

Longe de nos posicionarmos a favor ou contra Descartes, convidamos o leitor à apreciação de um dos poucos textos em que o filósofo se dedica a esse debate, muito embora a pequenez da carta contraste plenamente com a grandiosidade expressa em suas poucas linhas. Portanto, sem mais delongas, eis o texto!

DESCARTES A [COLVIUS]

[Leyde]. novembre 1640¹

Vous m'avez obligé de m'avertir du passage de saint Augustin, auquel mon *Je pense, donc je suis* a quelque rapport; je l'ay été lire aujourd'huy en la Bibliothèque de cette Ville, & je trouve véritablement qu'il s'en sert pour prouver la certitude de notre être, & en suite pour faire voir qu'il y a en nous quelque image de la Trinité, en ce que nous sommes, nous sçavons que nous sommes, & nous aymons cét être & cette science qui est en nous; au lieu que je m'ensers pour faire connoitre que ce *moy*, qui pense, est *une substance immatérielle*, & qui n'a rien de corporel; qui sont deux choses fort différentes. Et c'est une chose qui de soy est si simples & si naturelle à inférer, qu'on est, de ce qu'on doute, qu'elle auroit pû tomber sous la plume de qui que ce soit; mais je ne laisse pas d'être bien aise d'avoir rencontré avec saint Augustin, quand ce ne seroit que pour fermer la bouche aux petits esprits qui ont taché de regabeler sur ce principe. Le peu que j'ay écrit de Metaphysique est déjà en chemin pour aller à Paris, où je croy qu'on le fera imprimer, & il ne m'en est resté icy qu'un brouillon si plein de ratures; que j'aurois moi-meme de la peine à le lire, ce qui est cause que je ne puis vous l'offrir; mais si-tost qu'il sera imprimé, j'auray soin de vous en envoyer des premiers, puis qu'il vous plait me faire la faveur de le vouloir lire, & je seray aise d'en apprendre votre jugement.

1 DESCARTES, 1966, AT III, 247-8.

DESCARTES A [COLVIUS]

[Leyde]. novembro de 1640

Sou grato a vós por me ter advertido acerca da passagem de Santo Agostinho com a qual o meu *Eu penso, logo existo* tem alguma relação. Hoje, fui lê-la na biblioteca desta cidade e vi verdadeiramente que ele [S. Agostinho] se serve [do *eu penso, logo existo*] para provar a certeza de nosso ser e, em seguida, para mostrar que existe em nós alguma imagem da Trindade, na medida em que existimos, sabemos que existimos e amamos este ser e este conhecimento que há em nós. Eu, ao invés disso, sirvo-me [do *eu penso, logo existo*] para mostrar que o *eu* que pensa é uma *substância imaterial*, que não possui nada de corporal - que são duas coisas muito diferentes. E inferir que existimos a partir de que duvidamos é uma coisa que, em si mesma, é tão simples e tão natural, que isso cairia sob a pena de quem quer que seja. Mas não deixo de me sentir muito feliz em ter concordado com Santo Agostinho, ainda que fosse para tapar a boca dos pequenos espíritos que pretenderam desaprovar o princípio. O pouco que escrevi sobre Metafísica está a caminho de Paris, onde creio que será impresso, e me resta aqui apenas um rascunho tão cheio de rasuras que eu próprio teria dificuldade para ler, e é por isso que eu não posso vos oferecer. Mas assim que ele for impresso, terei o cuidado de vos enviar os primeiros, para que possais me fazer o favor de querer lê-lo, e gostaria muito de conhecer vossa apreciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESCARTES, R. (1966). *Oeuvres de Descartes*. Charles Adam & Paul Tannery (organizadores). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- _____. (1973). *Descartes: obras escolhidas*. São Paulo: Editora Abril Cultural.
- GILSON, E. (1967). *Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien*. Paris: Vrin.
- RODIS-LEWIS, G. (1990). *L'anthropologie cartésienne*. Paris: Épipiméthée / Presses Universitaires de France.